MARIA MADALENA E A TORRE DE BETÂNIA: UM ESTUDO HERMENÊUTICO A RESPEITO DO DISCÍPULO AMADO

João Paulo Reis Braga[1]

Resumo

Muitos teólogos hoje concordam que, apesar do 4° Evangelho canônico ter sido atribuído ao apóstolo João, este dificilmente seria o seu verdadeiro autor. Se assim o é, então quem escreveu o 4° Evangelho? A identidade do discípulo amado talvez seja um dos mistérios mais intrigantes da Bíblia, e na busca por solucioná-lo, muitas respostas já foram apresentadas. Este estudo trabalhará a partir de uma compreensão que se tem tornado cada vez comum entre teólogos, exegetas e especialistas, que trazem muitos argumentos sólidos em suas pesquisas para afirmar que a autoria do 4° Evangelho é na verdade de Santa Maria Madalena. E mais especificamente nesse artigo, será feita uma análise hermenêutica da ligação entre Maria Madalena, Maria de Betânia e o Discípulo Amado, apresentando ainda uma tese para o que pode ser o verdadeiro significado do nome "Madalena": um título atribuído por Jesus.

Palavras Chave: Maria Madalena. Discípulo Amado. Hermenêutica.

Introdução

A identidade do Discípulo Amado talvez seja um dos mistérios mais intrigantes de toda a Bíblia. Quem é aquele (ou aquela) que conseguiu ver Jesus de uma forma ainda mais elevada e espiritualizada do que os autores dos outros Evangelhos? Quem foi capaz de imortalizar discursos tão longos e elevados feitos por Jesus em diversas passagens? Quem escreveu coisas tão sublimes como 'no princípio era o Verbo'?[2] Atualmente, muitos teólogos concordam que, apesar de o 4° Evangelho ter sido atribuído ao apóstolo João, este dificilmente seria o verdadeiro autor do livro sagrado (BIBLÍA DE JERUSALÉM, 2012, p. 1839). Se assim o é, então, quem é o autor daquele que é considerado o mais elevado dos Evangelhos?

Na busca por uma solução bem fundamentada para esse grande mistério, milhares de livros, artigos científicos e outros tipos de textos já foram escritos, e muitas respostas já foram apresentadas. Este estudo trabalhará a partir de uma compreensão que tem sido adotada por um número cada vez maior de teólogos, exegetas e renomados especialistas como Esther A. De Boer, Ramon Jusino, Stephen Shoemaker, Mary Ann Hinsdale e Daniel Kendall. Todos esses estudiosos,

[1] Mestrando em Ciências da Religião na Universidade Católica de Pernambuco e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pernambuco. E-mail: jpreisbraga@yahoo.com.br. Orientador: Prof. Dr. Drance Elias da Silva.
[2] Todas as citações bíblicas deste artigo estão de acordo com a tradução da Bíblia de Jerusalém, 2012.

em suas pesquisas, trazem argumentos sólidos para afirmar que a autoria do 4° Evangelho é, na verdade, da apóstola Maria Madalena (VATICANO, 2016).

O presente trabalho não tem a pretensão de apresentar uma resposta definitiva para o mistério que cerca a autoria do 4° Evangelho, e tão pouco seria possível abordar toda amplitude desse extraordinário tema em tão poucas páginas. Assim, faremos aqui uma abordagem sintética da temática, mantendo o foco da análise na relação existente entre Maria Madalena, Maria de Betânia e o significado da "Torre", objetivando contribuir com um novo argumento para o debate, argumento esse que pode revelar novos significados simbólicos e históricos para algumas das ações e palavras de Jesus a respeito de Santa Maria Madalena.

Argumentos a favor e contra o apóstolo João

O 4° Evangelho canônico, conhecido como "Evangelho de João", é o único onde a expressão "discípulo amado" aparece, e ele é identificado no texto como sendo o autor desse mesmo livro, entretanto, em nenhum lugar é citado de maneira explicita o nome desse discípulo, "a quem Jesus amou". Textualmente o Discípulo Amado é citado seis vezes: Jo 13:23, 19:26, 20:2, 21:7, 21:20, 21:24. Porém, esse mesmo discípulo também é associado a outro "discípulo anônimo" presente em duas passagens: Jo 1, 35 e 18, 15-16.

Alguns argumentos são apresentados em favor do apóstolo João ser o Discípulo Amado do 4° Evangelho, entre eles podemos citar: (a) o autor do Evangelho foi uma testemunha ocular dos eventos, e isso fica evidente em passagens como Jo 1:14, 19:35, 21:24; (b) o Discípulo Amado era muito próximo do grupo dos "Doze" escolhidos por Jesus, podendo fazer parte do mesmo, pois ele também está presente na Última Ceia; (c) existe uma certa proximidade entre o Discípulo Amado e Simão Pedro, como revelam as passagens de Jo 13:23 e 20:2-9.

Entretanto, de acordo com o teólogo Ramon Jusino: "atualmente, a maioria dos estudiosos da Bíblia, católicos e protestantes, afirma que São João de Zebedeu não escreveu o Evangelho que leva seu nome. Eles atribuem a autoria a um anônimo" (JUSINO, 1998, p.3). E dentre os argumentos que pesam contra a autoria do apóstolo João está o fato de que o autor do 4° Evangelho ignora, ou, não está presente, em diversas cenas importantes onde estaria o filho de Zebedeu, entre elas estão: a ressureição da filha de Jairo (Mt 9:18-26, Lc 8:40-56, Mc 5:21-43), a Transfiguração de Jesus (Mt 17:1-9, Mc 9:2-8, Lc 9:28-36), a cura do homem

endemoninhado na Galileia (Mc 5:1-20, Lc 8:26-39) e a Oração no Getsêmani (Mt 26;36-45, Lc 22:39-46).

Qual o mistério por trás do anonimato?

Quando buscamos entender o mistério que envolve o Discípulo Amado, logo surge uma pergunta inquietante: Por que o autor do 4° Evangelho não se identifica, mesmo tendo ele uma participação tão direta nos acontecimentos? Alguns estudiosos afirmam que o autor desse Evangelho adota par si o "pseudônimo" de "Discípulo Amado" como uma forma de demonstrar humildade – porém, é difícil imaginar que alguém esteja querendo mostrar humildade arvorando para si sublime honraria. Outros exegetas, no entanto, afirmam que o uso do termo "Discípulo Amado" foi adotado intencionalmente como forma de passar a mensagem de que aquele que busca a Jesus se mantêm próximo a Ele e cumpre com seus ensinos, é então amado pelo Cristo. Porém, contra esse argumento, está o fato de que Jesus afirmou também amar a outros, além do discípulo que escreveria o 4° Evangelho (BOER, 2000, p. 5).

Assim, nenhuma das duas proposições supracitadas oferece uma resposta bem fundamentada para explicar o anonimato do autor do 4° Evangelho. No entanto, Jusino e Boer concordam com uma teoria que demonstra ser bastante plausível, isso por que ela traz uma justificativa coerente com o contexto da época para a adoção do "pseudônimo" Discípulo Amado. Segundo esses teólogos, o nome do autor do 4° Evangelho foi deliberadamente ocultado após sua morte como forma de esconder um fato constrangedor no contexto daquela época. Este fato é o de que o autor e líder daquele grupo de cristãos (a Comunidade Joanina) era, na verdade, uma mulher.

> Por que João insiste no anonimato? Por que esse véu de mistério? João não explica isso, mas no final do Evangelho é sugerido que existe um 'nós' – um grupo interno que entende e conhece o discípulo que Jesus amava... Por que a veracidade do testemunho é enfatizada? Por que haveria alguma dúvida sobre a validade da testemunha, se ele é a pessoa que os estudiosos até agora sugeriram é o discípulo que Jesus amava? Por que o Evangelho não mencionaria simplesmente André, Lázaro, Tomé, João Marcos, João, filho de Zebedeu ou qualquer um dos outros? Nós nunca saberemos. Nenhuma razão é dada. No entanto, poderia ter havido uma razão muito boa, pelo menos na época, para questionar a validade do testemunho do discípulo que Jesus amava e ocultar a identidade do discípulo: se esse discípulo fosse uma mulher (BOER, 2000, p.4).

De acordo com Raymond E. Brown, nas primeiras décadas do cristianismo, formou-se, entre outras, uma comunidade que seguiu os ensinos do autor do 4° Evangelho, texto esse que foi posteriormente atribuído ao apóstolo João, por isso, essa comunidade recebeu dos historiadores o nome de “Comunidade Joanina” (BOER, 2000, p. 2). E, segundo afirma Jusino (1998, p.2): “Em algum momento após a morte de Jesus, a liderança masculina emergente daquela comunidade simplesmente ficou embaraçada por ter uma fundadora”. Se assim o for, se realmente o nome do autor do 4° Evangelho foi propositalmente ocultado no texto por ele ser uma mulher, então não há melhor candidata para esse posto do que Santa Maria Madalena. E, existem muitos elementos, dentro e fora dos textos canônicos, que reforçam essa tese, daremos enfoque neste estudo sobre um deles.

Madalena e o mistério da torre de Betânia

Maria Madalena é apresentada na Bíblia como uma das discípulas mais próximas e dedicadas de Jesus, que O acompanhava desde a Galileia e que O “servia com seus bens” (Mt 27:55 e Lc 8:2-3). Essa simples informação final já indica uma característica importante de Madalena para nossa análise: ela era uma pessoa rica, que possuía “bens”. E essa constatação permite a identificação dela com outra Maria, que também era rica e também é bastante citada nos Evangelhos: Maria de Betânia – irmã de Marta e Lázaro. A identificação desta com Madalena explicaria porque essas “duas Marias” nunca são citadas na mesma cena, mesmo sendo ambas discípulas próximas a Jesus, e mesmo as duas realizando a mesma função: servir a Jesus com os seus bens. Daí, Maria de Betânia e seus irmãos tenham recebido em sua casa, várias vezes, junto com os seus 12 discípulos e algumas mulheres – é valido lembrar que se tratava (e ainda se trata) de uma comitiva grande para se recepcionar e hospedar.

A ligação entre Maria Madalena e Maria de Betânia também fica explicita naquele que é considerado o texto mais alto dentre os apócrifos: o Pistis Sophia. Neste Evangelho, Marta é citada entre os discípulos que estão reunidos com Jesus após sua ressureição, porém sua irmã, Maria, não. Neste caso, a única explicação plausível para a ausência de Maria de Betânia neste livro é a de que ela é a mesma Maria Madalena, que é citada dezenas de vezes nesse apócrifo. Se assim o for, então, algumas coisas já podem ser compreendidas quando também identificamos a mesma Madalena com o Discípulo Amado, pois isso explicaria a proximidade

geográfica do autor do 4° Evangelho com Jerusalém, já que ela residiria em Betânia (STARBIRD, 2004, p. 54).

A identificação entre Madalena, Maria de Betânia e o Discípulo Amado explicaria ainda o fato dessa, por ser de uma família rica, ser conhecida do sumo sacerdote e de sua serva (Jo 18:16). E também explicaria por que esse "outro discípulo", no caso Madalena, não foi importunada por aqueles que estavam no pátio de Anás, enquanto Pedro foi reconhecido, inclusive pela serva do sumo sacerdote (Jo 18:17), apontado como Galileu por seu modo de falar e questionado se era seguidor de Jesus (BOER, 2000, p.4-6). É importante notar também que apenas Pedro ficar entre os "servos e servidores" (Jo 18:18), enquanto desaparece da cena o "outro discípulo", isso indica que eles estavam em locais hierárquicos socialmente diferentes na casa do sumo sacerdote, ou seja, esse "outro discípulo" é alguém de status elevado, possuidor "de bens". A perícope aponta ainda que o "outro discípulo" dessa cena – que é provavelmente o mesmo que Jesus amou – não era Galileu, já que esse não é reconhecido por seu modo de falar (Mt 26:73).

Nesse momento, alguém pode se perguntar se Maria Madalena não era Galileia, então porque é chamada de Madalena, já que supostamente a cidade de "Migdal" fica na região da Galileia e esse nome faria referência a sua cidade natal? E poderiam ainda perguntar por que Mateus (27:55) afirma que ela seguia a Jesus desde a Galileia? Como a segunda questão é mais simples, então será logo respondida. Pois, ao fazer sua afirmação, Mateus diz que Madalena e outras mulheres O seguiam desde a Galileia, e não que elas eram de lá. Essa afirmação de Mateus, ao invés de contradizer a identificação de Madalena com o Discípulo Amado, na verdade reforça ainda mais a ligação entre eles, pois ao recordarmos a identificação do Discípulo Amado com o "discípulo anônimo", presente em Jo 1:35-38, veremos que o texto de Mateus está de acordo com o que é apresentado no 4° Evangelho no qual é dito que esse "discípulo anônimo" passa a seguir Jesus desde a Galileia, quando ele vai até lá ver João Batista. No que toca a identificação de Maria Madalena com a cidade de Magdala, é válido lembrar o que afirmou a teóloga Margaret Starbird (2005, p.101), especialista em estudos medievais e literatura comparada:

> A cidade hoje chamada Magdala, era chamada anteriormente, na época de Madalena, de Tariquéia nos tempos bíblicos. Flávio Josefo, um historiador judeu, contemporâneo a Jesus... chama a cidade de Tariquéia, e qualquer outro documento anterior a 70dc, também a

> chama de Tariquéia não Magdala. Tariquéia foi destruída em 67dc, e a cidade que foi reconstruída no antigo sítio no litoral do mar da galileia passou a chamar-se "Magdala Nunnayah" (expressão aramaica que significa torre de peixes). Nesta época, Maria Madalena já estava morta.

Se a cidade de Magdala não existia, surge uma nova pergunta: por que então Maria era chamada de Madalena? Proponho que o nome “Madalena”, atribuído a Maria, é na verdade uma espécie de “título” dado por Jesus, destacando uma qualidade na personalidade de Sua discípula. É válido lembrar que Jesus atribuiu nomes dotados de significados também a outros de Seus discípulos: Simão chamado Pedro (Jo 1:42), Levi chamado Matheus (Mc 2:14), Natanael chamado Bartolomeu (Jo 1:48), Tomé chamado Dídimo (Jo 21:2) e os filhos de Zebedeu, João e Tiago, “aos quais (Jesus) pôs o nome de Boanerges, que significa: Filhos do trovão” (Mc 3:17).

A tese de que o nome de Madalena é também um nome simbólico dado por Jesus fica bastante evidente na passagem em que Lucas 8:2 a apresenta da seguinte forma: “Maria, também chamada Madalena”. Essa passagem demonstra que em outras ocasiões, ela pode ter sido chamada simplesmente como “Maria”, e isso também ocorre com outros discípulos de Jesus, como Pedro, que em algumas passagens é só chamado de Simão (Mc 1:36, Lc 22:31), em outras simplesmente Pedro (Jo 21:21, Mt 16:18) e outras é chamado por seu nome original junto com o “título” dado por Jesus: Simão Pedro (Jo 13:9, Mt 16:16).

Mas que significado esse nome Madalena teria e porque Jesus a chamaria dessa forma? O nome Madalena (“Migdal” em hebraico) significa “Torre”, e, segundo Starbird, o nome pode ser uma alusão a "Magdal-eder” passagem profética de Miqueias 4:8, na qual alguém, que será chamado de “Torre”, será exilado: “O topônimo Magdal-eder significa literalmente ‘torre do rebanho’, no sentido de um lugar elevado usado pelo pastor como posto de observação, de onde ele toma conta das ovelhas” (STARBIRD, 2004, p.52).

De forma complementar ao que é sugerido por Starbird, apresento minha tese de que Jesus, ao atribuir a honraria de “Madalena” a Maria de Betânia, está querendo mostrar que ela tem uma visão mais elevada do que o normal, como alguém que vê a partir de uma torre e consegue enxergar muito mais além. Essa visão certamente é superior àquela demonstrada pelos outros discípulos, e isso pode ser constatado na clara superioridade de compreensão demonstrada no 4°

Evangelho, quando esse é comparado aos outros. Essa mesma superioridade de Madalena sobre todos os outros discípulos também é bastante clara em Evangelhos apócrifos como o Pistis Sophia, o Evangelho de Felipe e o Evangelho de Maria Madalena.

O que pretendo demonstrar é que, ao destacar Maria de Betânia com o título de Madalena, Jesus está querendo dizer que ela consegue vê-Lo além do que os outros conseguem, por ela encontrar-se em um grau espiritual mais alto. Essa teoria é corroborada de forma indireta por duas passagens bíblicas e uma apócrifa. A primeira e mais clara é o ato de Maria Madalena ser a única a ver Jesus ressuscitado antes de Ele subir ao Pai, tendo Ele inclusive esperado que Pedro fosse embora para aparecer exclusivamente a ela (Jo 20:4-17). A outra evidência canônica que apoia minha teoria está na perícope da Unção de Jesus em Betânia na casa dos irmãos Lázaro, Marta e Maria. Quando Maria pega um vaso de "nardo puro" e derrama-o sobre Jesus, prepara seu corpo para o sepulcro (Jo 12:1-8). E só após os discípulos reagirem com indignação contra Maria por ela ter "desperdiçado" todo o valioso perfume[3], é que Jesus explica o verdadeiro sentido do gesto, afirmando ainda que: "por toda a parte onde for proclamado esse Evangelho, ao mundo inteiro, também o que ela fez será contado em sua memória" (Mt 26:13 e Mc 14:03). Essa passagem e as nobres e proféticas palavras de Jesus a respeito de Maria indicam duas coisas: em primeiro lugar, Maria sabia o que aconteceria com Jesus antes dos outros discípulos (que não entenderam o gesto de preparação do corpo para o sepulcro), e isso, por si só, já demonstra um grau mais alto de compreensão de Maria em relação aos demais; e em segundo lugar, as palavras de Jesus dão a entender que as coisas que Maria de Betânia fez foram muito maiores do que simplesmente derramar um vaso de perfume sobre Ele e recebe-Lo em sua casa.

Contudo, a evidência mais clara do significado do título dado a Maria está no Evangelho apócrifo de Felipe, pois esse Evangelho, não apenas esclarece por que Maria foi chamada de Madalena por Jesus, mas também por que Ele a ama mais do que aos outros discípulos, revelando assim, que ela é o verdadeiro "discípulo que Jesus amou", pois ela é a única que conseguia Vê-Lo:

[3] O texto fala de um valor bastante alto deste vaso de perfume, cerca de 300 denários (um ano inteiro de salário), o que indica novamente a riqueza também material de Maria Madalena e de seus irmãos.

> Eles (os discípulos) lhe disseram: "Por que a amas (Madalena) mais do que a todos nós?" O Salvador respondeu dizendo: "Por que não os amo como a ela? Quando um cego e uma pessoa normal estão juntos na escuridão, não são diferentes um do outro. Quando chega a luz, então, aquele que vê verá a luz, e o cego permanecerá na escuridão". (JUSINO, 1998, p. 9).

Com essa parábola, Jesus demonstra por que Madalena é mais amada por Ele do que os demais porque ela é aquela que enxerga a “Luz” que é Jesus, enquanto que seus discípulos “permanecem na escuridão”, pois, mesmo nos momentos finais, eles ainda Lhe pedem para ver o Pai (Jo 14:714) ou duvidam de sua ressureição (Mt 28:17; Mc 16:11-13; Lc 24:1, Jo 20:8-25). Destaca-se ainda o fato de Maria Madalena ser uma das personagens mais citadas de todos os Evangelhos canônicos e também dos apócrifos, e foi para ela reservado o direito de dizer que “viu o Senhor” antes de Ele se anunciar para o restante dos discípulos (Jo 20:1-18).

Considerações finais

Nos textos apócrifos, como o Pistis Sophia, o Evangelho de Felipe e o Evangelho de Maria Madalena, a importância e o destaque de Madalena como alguém superior aos demais discípulos de Jesus são apresentados de maneira muito clara. Não obstante, nos livros canônicos, existem ainda outras passagens que trazem evidências sérias para acreditarmos que Maria Madalena é realmente o Discípulo Amado e, naturalmente, a verdadeira autora do 4° Evangelho, dentre elas cita-se: o amor diferenciado que Jesus demonstra ter a Maria de Betânia e seus irmãos (Jo 11:16); a presença de Maria “aos pés do mestre” onde ela “escolhe a melhor parte” (Lc 38:42); o lugar do Discípulo Amado junto ao peito de Jesus durante a Última Ceia (Jo 13:25); Estar ao lado de Nossa Senhora no momento em que o Discípulo Amado recebe Maria, mãe de Jesus, aos pés da Cruz (Jo 19:25-26); Estar presente na cena do túmulo vazio, onde o Discípulo Amado estaria com Pedro (Jo 20:1-10); Reconhecer e avisar aos outros discípulos que estavam no barco pescando, que aquele que fala da praia é Jesus, mesmo estando Ele com um aparência diferente daquela que os discípulos O conheciam (Jo 21:7-12).

É verdade que a tese do Discípulo Amado ser uma mulher ainda causa espanto em muitas pessoas – ainda que essa mulher tenha tido um papel tão importante no Ministério de Jesus, tenha sido canonizada como Santa, e tenha sido

reconhecida como “a apóstola dos apóstolos” pela própria Igreja Católica (VATICANO, 2016). Talvez o espanto ocorra por várias razões, entre elas podem estar: o machismo, a misoginia, a ideia totalmente infundada que alguns ainda mantêm de que Maria Madalena foi uma “prostituta”, ou quem sabe o temor de alguns de que a identificação de Madalena com o Discípulo Amado apoie a hipótese de que houve algum tipo de relação carnal entre ela e Jesus.

Entretanto, acredito que a razão mais provável que fará com que muitos rejeitem a ideia de Madalena ser o Discípulo Amado, sem sequer examinar os argumentos, será motivada por aquilo que o genial Galileu Galilei (2009, p. 52) chamou de “amor ao primeiro erro”, que é o apego que algumas pessoas têm ao paradigma clássico vigente, ou seja, o apego que alguns nutrem pela forma como aprenderam determinado ensino e não desejam mais repensá-lo, em síntese, o “odre velho” que não aceita mais vinho novo, como afirmou Jesus (Mt 9:14-17).

Referências

BÍBLIA – **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição. São Paulo: Paulus, 2012.

BOER, E. **Mary Magdalene and the Disciple Jesus Loved**, 2000. Disponível em: <http://www.lectio.unibAAe.ch/00_1/m-forum.htm>. Acesso em 11 de maio de 2018.

GALILEU, G. (1615) **Ciência e Fé: Cartas de Galileu sobre o acordo do sistema copernicano com a Bíblia**. (org. e trad. Carlos Arthur R. do Nascimento) 2. ed. São Paulo: Editora *UNESP*, 2009.

JUSINO, R. **Mary Magdalene:** Author of the Fourth Gospel? New York, 1998. Disponível no link: <http://ramon_k_jusino.tripod.com/magdalene.html>. Acesso: em 10 de maio de 2018.

STARBIRD, M. **Maria Madalena e o Santo Graal** – A Mulher do Vaso de Alabastro. 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. Sextante, 2004.

STARBIRD, M. **Mary Magdalene, bride in exile**. Rochester: VB Company, 2005.

VATICANO. (Documentos Eclesiais). **APÓSTOLA DOS APÓSTOLOS**. Santo Padre Francisco, Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos, 2016. Disponível em: <http://www.vatican.va/roman_curia/congregations/ccdds/documents/articolo-roche-maddalena_po.pdf>. Acesso em 11 de maio de 2018.